



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

MEIRINALDE FERREIRA MAGALHÃES

O DESAMPARO PRÓPRIO DA NEUROSE OBSESSIVA

Brasília
2014

MEIRINALDE FERREIRA MAGALHÃES

O DESAMPARO PRÓPRIO DA NEUROSE OBSESSIVA

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teorias Psicanalíticas.

Orientador: Prof. Dr. Isa Maria Lopes Paniago

Brasília
2014

MEIRINALDE FERREIRA MAGALHÃES

O DESAMPARO PRÓPRIO DA NEUROSE OBSESSIVA

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teorias Psicanalíticas.

Orientador: Prof. Dr. Isa Maria Lopes Paniago

Brasília, ____ de Novembro de 2014.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Isa Paniago por ter aceitado me acompanhar nessa tarefa. Pela paciência e compreensão com que me orientou o que fez toda diferença ao longo dessa jornada. Meu reconhecimento sincero por tudo isso.

Agradeço à Professora Claudia Feres por me sugerir esse tema de trabalho e a quem reconheço e tenho admiração.

Agradeço em especial à Professora Leonor Bicalho pelo incentivo, acolhimento e generosidade em partilhar seu saber. Minha admiração e reconhecimento.

Agradeço a todos os Professores principalmente aqueles de certa forma contribuíram para o meu aprendizado em Psicanálise

Agradeço à colega e amiga Maria Helena pela parceria e ajuda em todo esse percurso. Minha sincera gratidão.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma discussão sobre a relação entre dois temas fundamentais em psicanálise: a neurose obsessiva e o desamparo. Em primeiro lugar, a dinâmica psíquica da neurose obsessiva modela o processo de subjetivação e coloca o sujeito em tal posição de ter que recorrer às estratégias obsessivas como recursos de defesas para ter que se haver com o conflito diante das experiências na relação com os outros. Já o desamparo situa-se aí nessa relação como elemento concreto da falta de resposta desse outro que não oferece garantias, além de representar a marca original da constituição do sujeito que se repetirá ao longo da vida. Objetiva-se, portanto, estudar a neurose obsessiva articulada ao estado de desamparo dentro da perspectiva da teoria freudiana. A partir da dimensão estrutural apontada na neurose obsessiva, busca-se analisar como se articula a relação entre estes dois conceitos. Para tanto, foram utilizados textos da obra freudiana e seus comentadores, como também alguns textos de autores lacanianos e uma breve contribuição da obra de Melanie Klein.

Palavras-chave: Neurose obsessiva. Desamparo. Constituição do eu.

ABSTRACT

This paper proposes a discussion on the relationship between two fundamental issues in psychoanalysis: obsessional neurosis and helplessness. Firstly, the psychic dynamics of obsessional neurosis models the process of subjectivity and places the subject in such a position of having to resort to strategies such as obsessive resources defenses to have to do with the conflict on the experiences in relationship to others. Already helplessness lies there in that relationship as concrete evidence of the lack of response that other than no warranties, and represents a unique brand of subject constitution that will be repeated throughout life. Objective is therefore to study the folding state of helplessness in the perspective of Freudian theory obsessional neurosis. From the structural dimension indicated in obsessional neurosis, we seek to analyze how it articulates the relationship between these two concepts. For both, the Freudian texts and their commentators work, as well as some texts Lacanian authors and a brief contribution from the work of Melanie Klein were used.

Keywords: Obsessional neurosis. Helplessness. Constitution of the self.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 A CONSTITUIÇÃO DO EU	09
2 A NOÇÃO DE DESAMPARO	13
3 SOBRE A NEUROSE OBSESSIVA	23
3.1 BREVE ANÁLISE DO FILME DIREITO DE AMAR	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Esse trabalho pretende discutir como o estado de desamparo que se apresenta para todos, constantemente, tende a ser impactante na neurose obsessiva.

No mundo contemporâneo, o sujeito se encontra na busca incessante pela satisfação pulsional, assoberbado de tarefas, responsabilidades e compulsões. Diante da falta de referenciais estáveis, a saber, a relação paterna, para a sua constituição, terá dificuldades de se relacionar com o outro e com o mundo. Em decorrência disso, por não sentir mais garantias no seu cotidiano, poderá vir a experienciar um desprazer cada vez maior, fato este que o confronta cotidianamente com o desamparo, colocando-o novamente num circuito compulsivo.

Nesta perspectiva, o sujeito se vê numa condição de perplexidade, quando suas estratégias, até agora satisfatórias frente ao conflito, tendem a falhar, e ele se dá conta de sua fragilidade.

Para a realização deste estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfico-analítica, com ênfase na reflexão sobre os temas propostos. Tomou-se como referência a noção de desamparo, a partir da perspectiva freudiana, como referencial teórico para a discussão sobre o tema da Neurose Obsessiva. O texto freudiano – A experiência de satisfação contido no artigo Projeto para uma psicologia científica¹ de 1895 - corresponde ao artigo no qual Freud destaca a vivência da experiência original humana, ou seja, a condição de desamparo no ato do nascimento, momento em que se instaura a abertura do sujeito para o outro, além de marcar a inscrição simbólica que servirá de norte para as vivências futuras. Considera-se este enlaçamento na compreensão da neurose obsessiva, tendo em vista que ela corresponde a uma forma estruturante do sujeito, marcado pelos impasses vivenciados na relação com os outros.

A propósito, Freud não se deteve em fazer um estudo profundo e sistemático sobre a noção de desamparo. No entanto, a experiência de desamparo aparece ao longo de sua obra com a relevância necessária para entender o funcionamento da dinâmica do psiquismo do neurótico obsessivo. Assim, articular o desamparo ao conceito de neurose obsessiva se transforma em um desafio para o estudioso do assunto. Como se sabe, para enfrentar o desamparo as defesas obsessivas se tornam tão prementes.

Com isso, a proposta deste estudo é promover uma reflexão em psicanálise sobre a leitura destes dois conceitos tão relevantes e necessários para a clínica contemporânea.

¹ Utilizar-se-á a abreviação para “Projeto” ao longo do trabalho.

O primeiro capítulo traz uma descrição do eu, ressaltando alguns aspectos no tocante às suas origens e constituição, com o intuito de que, com isso, possamos ter melhor compreensão do estado de desamparo e tentar analisar como este conceito se articula com a neurose obsessiva. Tal descrição será feita a partir do primeiro texto em que Freud se deteve sobre esse tema. Trata-se de texto tão relevante e extenso, que foi tomado como referência única neste contexto de discussão. O Projeto é um texto em que Freud delinea já ali nos primeiros momentos da Psicanálise seus principais conceitos.

O segundo capítulo apresenta a questão do desamparo, a partir da experiência de satisfação vivida pelo recém-nascido, que nesse momento não é capaz de desenvolver uma ação específica que garanta sua sobrevivência, e por isso, precisará sempre da ajuda alheia, advinda do mundo externo. Outros aspectos desta condição, ou seja, as marcas inscritas aqui acompanham o sujeito por toda a sua existência.

Finalmente, no terceiro capítulo, toma-se a neurose obsessiva, descrevendo o seu mecanismo psíquico, no tocante aos sintomas obsessivos. É a partir destes sintomas, os quais revelam um sujeito assim estruturado, que expressam o conflito vivenciado por ele, bem como a sua verdade por meio daquilo que fala, ou seja, através de sua história de vida que se revela tão importante na prática clínica. Tomou-se igualmente o referencial kleiniano, por considerá-lo fundamental na compreensão de fenômeno muito primitivo da constituição psíquica. Aqui, foi utilizada uma breve análise do Filme de Tom Ford “Direito de Amar” por ilustrar de forma eloquente o caráter devastador do desamparo na neurose obsessiva.

Na conclusão, além da minha opinião pessoal sobre o importante tema estudado, articulada às ideias dos autores citados, foi enfatizada uma análise na tentativa de descrever a relação que articula a neurose obsessiva à noção de desamparo, para compreender as tramas e dramas inconscientes construídos pelo neurótico obsessivo, ao longo de sua história de vida.

1 A CONSTITUIÇÃO DO EU

Para desenvolver a análise da constituição do eu tomou-se como referência o artigo freudiano Projeto para uma psicologia científica (1895) porque aí a articulação entre desamparo e escolha da neurose é bastante fluida, uma vez que Freud preocupou-se com o estado mais primitivo desse processo de formação do eu. Mas também por acreditar que o estado de desamparo nessa neurose desarticula o sujeito levando-o a um estado regressivo, sem, no entanto, levá-lo a uma ruptura com a realidade, como poderia acontecer nos quadros psicóticos.

De acordo com a teoria freudiana o funcionamento dos processos mentais é regulado pelo princípio do prazer. O trabalho do aparelho mental busca através dos neurônios a descarga da tensão acumulada da quantidade (Qn) de excitação que vai controlar a relação do prazer com o desprazer. Assim, o aumento da quantidade de excitação tem a ver com o desprazer, já a diminuição dessa quantidade corresponde ao prazer.

Nesse contexto, a formação do eu pressupõe o confronto do recém-nascido com o mundo real, externo. No entanto, esse recém-nascido não está preparado para a possibilidade de acesso ao outro, ou seja, ele é incapaz de distinguir o seu eu do mundo externo e sendo assim, suas sensações não separa a realidade do seu mundo interno. No ato de mamar o recém-nascido vive a experiência de satisfação, mas é também o momento em que ele percebe algo do mundo real, pois, quando lhe é tirado o seio ele vivencia o desprazer. Este seio passa a ser então o primeiro objeto real que separa o seu eu do mundo externo. Essa primeira experiência inscreve aí uma marca que se repetirá de forma alucinatória quando o bebê se encontrar novamente diante de sua necessidade de satisfação, isto é, de descarregar as tensões da quantidade de excitação.

No Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]), Freud diz que $^1\Psi$ é um sistema de neurônios impermeáveis, constantemente investidos, e que interfere nas passagens das quantidades $^2(Qn)$ de investimentos, sendo estes alterados a cada nova excitação, “fornecendo assim uma possibilidade de representação da memória” (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 352). Essa idéia se repete mais na frente desse texto quando Freud acrescenta que em se tratando de uma primeira passagem, esta ocorre de certa forma acompanhada de dor e satisfação. A esse sistema de neurônios, ou seja, essa organização Freud chamou de eu. O eu é

¹ Ψ = sistema de neurônios impermeáveis (Freud, 1950[1895]/1996, p.346).

²Qn nomenclatura usada por Freud que significa “Quantidade (da ordem de magnitude intercelular) (Freud, 1950[1895]/1996, p. 357)”.

portanto, produto de uma organização em Ψ . Observa-se que estes conceitos indicam que o eu para se constituir partiu de uma origem, quando havia dispersão de excitação, até se tornar uma organização, considerando os efeitos desta sobre o aparelho psíquico.

Portanto, o eu deve ser “definido como a totalidade dos investimentos em Ψ existentes em determinado momento” (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 375). Assim, uma vez que o eu está investido em demasia, este deve livrar-se dessa quantidade de investimento pela via da satisfação, no entanto, isso se dá pela repetição das experiências de dor e dos afetos, e também pela inibição.

Assim, depois de uma primeira experiência de satisfação resulta em uma facilitação entre as duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares investidos em estado de urgência. Com a repetição desse estado de urgência ou de desejo, isto é, quando o bebê sente a necessidade, um novo investimento é feito reativando as duas lembranças. Aqui é o estado de desejo que marca a imagem mnêmica do objeto. Como afirma Freud, a imagem mnêmica do objeto é a primeira a ser afetada pela ativação do desejo. “Essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção, a saber, a alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento” (1950[1895]/1996, p. 372).

De acordo com Freud (1895), a existência do eu deve ser condicionada à inibição dos processos primários. Trata-se da inibição das passagens das quantidades (Q_n) da imagem mnêmica que produz desprazer, inicialmente liberada é atraída pelo eu, e sendo assim, “quanto mais intenso for o desprazer, mais forte será a defesa primária” (1950[1895]/1996, p. 376). Assim, o ego desenvolvido em Ψ pode sofrer outras influências que não seja própria desse sistema e aí pode ocorrer que quando o ego se encontra em estado de desejo ele investe novamente na lembrança de um objeto e põe em ação o processo de descarga. Nesse caso o objeto não é real, pois, ele está presente apenas como ideia imaginária, e, portanto, a satisfação não ocorrerá. Isso explica porque Ψ não é capaz de fazer tal distinção entre o que é real e o que é imaginário. Para tanto, utiliza-se de um critério advindo de outra parte (lugar) a fim de distinguir entre percepção e ideia.

Por outro lado, é necessário que exista algo em Ψ que indique que um novo investimento da imagem mnêmica hostil está em curso, e assim evite a liberação de desprazer. Se for o caso de ocorrer a inibição, tanto a liberação de desprazer como as defesas serão minimizadas. Mas, se isso não se realiza ocorrerá um grande desprazer e uma excessiva defesa primária. A lembrança do investimento de desejo, sempre que ultrapassa determinada quantidade, “age como um estímulo de descarga” (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 377). O mesmo acontece na liberação de desprazer, no caso do investimento da imagem mnêmica

hostil originar-se de Ψ e não do mundo externo. Em suma, trata-se de encontrar algo que possa distinguir entre a percepção e lembrança. Para Freud trata-se aqui, da “*indicação da realidade*” (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 378) provavelmente fornecida pelos neurônios ω .

Conclui-se que se o eu investido é inibido, as indicações de descarga ω tornam-se, indicações da realidade. Entretanto, se esse eu se encontra em estado de tensão e desejo, quando aparecer essa indicação da realidade, permite a descarga no sentido da ação específica. Por outro lado, quando o aumento de desprazer coincide com a indicação da realidade, Ψ produzirá uma defesa. Se não ocorrer uma dessas situações o investimento prossegue sem nenhum impedimento. E como Freud aponta, “a catexia de desejo levada ao ponto de alucinação e a completa produção de desprazer, que envolve o dispêndio total de defesa, são por nós designados como processos psíquicos primários” (FREUD, 1950[1895]/1996, p. 379) e aqueles que dependem de um investimento do eu, são descritos como processos psíquicos secundários. Note-se que a precondição para que estes ocorram, é a utilização das indicações da realidade, sendo possível quando há inibição por parte do eu.

Quanto à origem do eu, Garcia-Roza (2004) traz em sua obra algumas formulações tomando como referência as indicações contidas no ‘Projeto para uma psicologia científica’ (FREUD, 1950[1895]). Ele comenta que há uma ponte entre os textos freudianos de 1895 e 1932, cuja relação pode explicar a origem do eu. O autor acrescenta ainda que se tomarmos como referência a frase de Freud da conferência XXXI, das Novas Conferências de Introdução à Psicanálise (FREUD, 1933[1932/1980), “Wo Es War, soll Ich Werden” (GARCIA-ROZA, 2004, p. 148), sendo traduzida por: “Onde isso era, eu devo vir a ser”. Isso quer dizer que a primeira parte da frase “Wo Es War...” ou “Onde era isso...”, indica que ali onde havia um estado de caos e dispersão de excitação, uma organização se construiu. Assim, deve-se supor que o eu (Ich) surgiria a partir do isso (Es). Isso faz com que se pense na relação entre esses textos, uma vez que Freud se refere ao Isso como “um caos”, ao mesmo tempo que também considera uma instância psíquica, ao Eu definido como as primeiras experiências de passagem da quantidade (Qn) rompendo as resistências, buscando a descarga motora. Por um lado, cria-se uma facilitação ou trilhamento (Bahnung), por outro uma interferência na descarga de Qn. Por isso, Freud se refere a Bahnung como uma “preferência do caminho (Wezbecorzugung). Esse fluxo de quantidade (Qn), ou seja, primeiras ligações ou facilitações é anterior ao eu e, sendo assim, o eu não é a causa da primeira ligação, mas um efeito dela, “o eu, portanto, não é agente de ligação” (GARCIA-ROZA, 2004, p. 150).

³ ω = sistema de neurônios perceptuais (Freud, 1950[1895]/1996, p. 346).

Segundo Freud (1950[1895]), “as facilitações entre os neurônios Ψ fazem parte dos domínios do ego”, assim, desse ponto em diante caberá ao eu a tarefa de ser capaz de agir frente às alterações em futuras repetições. O fracasso nessa defesa “pode levar ao desequilíbrio na economia do aparelho psíquico, o que poderia acarretar o retorno ao desamparo (FERES, 2009, p. 27). No entanto o eu deve se livrar de seus investimentos por meio da satisfação, mas o que o diferencia agora é o controle do fluxo da quantidade (Qn) como assinala (FREUD (1950[1895])). Eis aí a função do eu.

Na visão de Klein (1958/1991), o eu é pensado a partir das relações mais arcaicas entre mãe e filho. Nessas relações o que está em jogo é a luta entre as forças pulsionais que impacta a vivência do bebê nos primeiros momentos de vida. E assim, movido por essas forças primordiais o bebê luta para não se destruir, para se salvar, como também para atacar os objetos e para preservá-los. Klein ressalta ainda, que ao nascer o bebê para não ser destruído utiliza-se do mecanismo de projeção para realizar essa atividade da função do eu, por meio da pulsão de vida. Sendo assim, uma das principais funções do eu é o domínio da ansiedade primordial derivada da pulsão de morte que leva o bebê a se destruir. Por outro lado, Klein ressalta que nos primeiros momentos da vida o desenvolvimento do eu é vinculado às duas pulsões e, desta vez, pela via dos objetos, o seio da mãe como primeiro objeto. Nesse caso, a experiência de gratidão originada do investimento do desejo no seio “constrói na mente do bebê o objeto bom originário; a projeção de impulsos destrutivos no seio constrói o objeto mau originário” (KLEIN, 1958/1991, p. 272). Portanto, o papel do eu é dominar a ansiedade persecutória através de suas forças para cindir o seio e a mãe, interna e externamente, num objeto amado, por um lado, e num objeto odiado por outro. Esse modo de funcionamento terá marcas no desenvolvimento, atualizando-se a cada nova situação de angústia. Portanto, esse estado de desamparo será fundamental nos recursos mobilizados para enfrentar essas ansiedades primitivas.

2 A NOÇÃO DE DESAMPARO

Hans em seu Dicionário comentado do alemão de Freud (1996), não emprega o termo *Hilflosigkeit* para falar de desamparo como o fez Freud. *Hilflosigkeit* encontra-se exposto neste Dicionário, numa referência ao termo *Reiz* cuja tradução é excitação ou estímulo. A palavra *Reiz*, por sua vez, recebe a conotação de substantivo e do verbo *reizen*. Por outro lado, *Reiz* pode caracterizar “tanto um estímulo que chega e “produz um efeito excitatório irritativo”, quanto a sensação interna de “sentir uma excitação irritativo” (HANS, 1996, p. 222). Trata-se de algo que marcaria o instante exato de interface entre a “chegada do estímulo” e o “sentir”. Já, *Reizen* cuja origem vem do verbo *reiBen* designa “rasgar”, “se separar violentamente” (HANS, 1996, p. 222).

Assim, Hans (1996) teoriza acerca do termo *Reiz* considerando a antiga idéia de Freud de “que o excesso de *Reiz* é vivido pelo sujeito como algo avassalador que o leva a um estado de desamparo (*Hilflosigkeit*)” (Hans, 1996, p. 228). Acrescenta ainda, que o termo denota algo interno, e representa uma situação que se avizinha ao desespero e ao trauma. Tal situação é análoga àquela vivida pelo bebê, o qual se encontra incapaz, por si mesmo, de “remover a excitação pela via da satisfação, sucumbindo a *Angst* (medo)” (HANS, 1996, p. 228).

Segundo Pereira (1999), apoiado no Grand Dictionnaire Lagenscheidt Allemand-Français, de Sachs-Villatte, *Hilflosigkeit* explica a “incapacidade de se sair bem de situações difíceis, de se virar”. Já, no dicionário Larousse, *Hilflosigkeit* traduz “desamparo”, “abandono”, “impotência”. Assim, a palavra *Hilflosigkeit* compõe-se do substantivo “hilfe” que quer dizer ajuda; *los* indica falta, ausência de ajuda. Logo, *Hilflos* é atributo daquele que está “sem ajuda”, “desamparado” e que é “incapaz de se sair bem por si mesmo”. O sufixo *ig* caracteriza a adjetivação *keit* transformando a palavra em um substantivo para designá-la ou para qualificá-la. Nesse contexto, o termo *Hilflosigkeit* é um substantivo que indica uma experiência, ou seja, “o estado ou a condição de alguém que se encontra “sem ajuda”, desamparado” (PEREIRA, 1999, p. 128).

Ainda, na perspectiva de Pereira (1999), a *Hilflosigkeit* no pensamento freudiano enfocava uma condição objetiva de dependência do recém-nascido em relação ao adulto no que se refere à satisfação de suas necessidades vitais. O recém-nascido, nessa visão freudiana, é considerado fisicamente incapaz, de por si mesmo, realizar uma ação específica, suficiente para lidar com o acúmulo de tensão advinda das necessidades, forçando este bebê a uma condição de dependência do mundo externo, do adulto.

Nessa perspectiva, a noção freudiana do estado de desamparo foi concebida a partir do texto a “Experiência de satisfação” (1895), inserido no artigo “Projeto para uma Psicologia Científica” (1950 [1895]).

Nesse texto, Freud (1895) trata a *Hilflosigkeit* como uma experiência inicial de desamparo do psiquismo do recém-nascido o qual nesse estado de precariedade motora é incapaz de exercer uma ação específica sem a ajuda alheia, e este “desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1895, [1886-1899], p. 370). Assim, Freud caracteriza esse estado de desamparo como um momento de grande excitação interna, cujos neurônios nucleares carregados de energia endógena Q_n são tensionados em Ψ , a tal ponto que resultam em uma descarga. Essa tensão gera uma alteração interna que leva o recém-nascido a expressar emoções tais como grito, choro, agitação motora, mas, apesar de tudo isso, não resultará em alívio desta tensão. Nesse caso, para suprimir esse acúmulo de excitação, só é possível de acontecer com a ajuda externa, do mundo exterior, pois o organismo humano até então prematuro é incapaz de realizar tal ação. Desse modo, o recém-nascido, isto é, o desamparado que sofre os efeitos dessa ação específica de alguém, do mundo exterior, por meio de mecanismos reflexos, coloca-se em posição de “executar imediatamente no interior do seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno” (FREUD, [1886-1899]/1996, p. 370). Com isso, extingue-se a tensão, o que constitui a vivência da experiência de satisfação.

Portanto, a experiência de satisfação resulta em uma facilitação entre duas imagens mnêmicas ou traços de memória, isto é, a do objeto de satisfação e a da descarga produzida pela ação específica, e os neurônios nucleares investidos em estados de urgência. À medida que surgem novas excitações ou estados de desejo, as duas imagens mnêmicas são novamente investidas e reativadas. É a alucinação, momento em que a percepção do objeto original não representa o objeto real, pois este não está presente e com a ausência deste não é possível haver satisfação. Daí, um desapontamento. Como ocorre nos sonhos, os pensamentos oníricos investidos dos desejos do sujeito, são realizados de forma alucinatória. Como Freud escreve:

Foi preciso que a satisfação desejada, que houvesse uma frustração, para que esta tentativa de satisfação pela via alucinatória fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então que se decidir por conceber as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste (FREUD, 1911, [1911-1913]/1996, p. 66).

Aí a satisfação não é alcançada, e nem mesmo a alucinação cumpre a tarefa de presentificar o objeto real. É o novo princípio da atividade psíquica pautada na realidade, ainda que seja tratada como desprazer.

Note-se que após o choro ou grito do bebê, este recebe a ajuda externa de alguém que promove uma ação específica que culmina numa vivência de satisfação. Sendo assim, a ajuda alheia, do mundo externo possibilita tanto a satisfação de uma necessidade, como também introduz o sujeito na ordem simbólica. O choro ou grito do recém-nascido não estabelece apenas uma descarga motora, mas constituem-se como signos de uma demanda, demanda do outro. Trata-se, de uma demanda dirigida ao Outro, isto é, estranho e ao mesmo tempo próximo. O autor assinala que se trata do “grito como signo, e, portanto, como algo cujo destinatário é a ordem simbólica e não ao outro especular” (GARCIA-ROSA, 2004, p. 133).

Entretanto, segundo Pereira (1999) o tema da *Hilflosigkeit* no pensar freudiano assume diferentes conceitos desde a teoria da angústia até a teoria da cura clínica a tal ponto que Freud muda o seu estatuto, isto é, a importância psicomotora agora não encerra apenas uma angústia, mas um modelo de desamparo fundamental, uma articulação por meio da qual se desdobra tudo que se refere à linguagem e ao processo de simbolização. Assim, no texto “O estranho”, Freud (1919) pensa o desamparo não apenas a partir de uma condição afetiva original, mas, sobretudo como algo que evoca inquietude estranheza que denota em si sua condição afetiva. Esse texto traz a idéia de estranheza e se refere ao fenômeno do ‘duplo’ presente em todas as formas e graus de desenvolvimento. Esse fenômeno traduz duplicação, divisão e intercâmbio do eu, e finalmente indica “um retorno constante da mesma coisa”. (FREUD, 1919/1996, p. 252).

O que cria a estranheza no fenômeno do ‘duplo’ deriva de uma fase muito primitiva, mas agora se transforma num objeto de terror como “uma regressão a um período em que o eu não se distingue ainda nitidamente do mundo externo e de outras pessoas” (FREUD, 1919/1996, p. 254). É a repetição da mesma coisa que uma vez sujeita a certas condições e determinadas circunstâncias produz estranheza e, além disso, evoca a sensação de desamparo. Por outro lado, essa repetição da mesma coisa remete ao processo inconsciente da “compulsão à repetição” advindo das moções pulsionais natural das pulsões, isto é, uma compulsão forte o suficiente para fazer valer o princípio do prazer, mas também marcada pelo seu caráter demoníaco, expresso nos impulsos das crianças pequenas, bem como é responsável pelo desenrolar de parte da análise de neuróticos, assim, esta compulsão à repetição é percebida como estranho, algo que em vez de permanecer oculto veio à tona, “algo reprimido que retorna” (FREUD, 1919/1996, p. 258).

A noção de desamparo (*Hilflosigkeit*) é retomada em outro texto freudiano. Desta vez, trata-se do artigo “Inibição, Sintoma e Ansiedade” (1926 [1925]) onde Freud aborda o desamparo a partir de uma articulação com o afeto da angústia. Note-se que nesse artigo,

Freud estabelece a segunda teoria da angústia, ao mesmo tempo em que atribui ao eu “a sede real da ansiedade” (FREUD, 1926/1996, p. 97). Isso quer dizer que compete ao eu assumir a tarefa de lidar com a angústia e evitar o desamparo, no entanto, como diz Lacan isso é da ordem do inevitável, isto é, um “perigo insuperável” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 72). A ansiedade aqui referida é determinada pela ansiedade automática, cuja “essência é uma experiência de desamparo por parte do ego face de um acúmulo de excitação, quer de origem externa quer interna, com que não se pode lidar” (FREUD, 1926/1996, p. 85).

Essa angústia como um sinal, isto é, um sinal de perigo que é a resposta do eu diante de uma situação ameaçadora. Esse sinal de perigo encontra-se associado a perturbações econômicas, ou seja, o perigo está vinculado a uma grande quantidade de energia não descarregada. Aí a reação de angústia se instala. Essa angústia que indica a situação de perigo lembra o ato do nascimento e o “conteúdo do perigo que ela teme é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação, a saber, a perda do objeto” (FREUD, 1926/1996, p. 137). Desse modo, essa ansiedade como um sinal de perigo tem a ver com a angústia vivida pela criança no ato do nascimento, ou seja, é uma angústia primeira da qual dependerá todas as outras, isto é, serve de modelo para o que será vivido no futuro.

A angústia como um sinal ao mesmo tempo em que anuncia a situação de desamparo, faz lembrar uma das experiências traumáticas vividas em outras situações. Portanto, a ansiedade é além de uma expectativa de um trauma uma repetição deste de forma enfraquecida. Esses dois fatores da ansiedade possuem origem diferente de modo que “sua vinculação com a expectativa pertence à situação de perigo, ao passo que sua identificação e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo – a situação que é prevista na situação de perigo” (FREUD, 1926 [1925]/1996, p. 164). Contudo a ansiedade é um sinal de perigo em uma situação em que a ameaça advém a partir de uma exigência pulsional. Trata-se do perigo neurótico cuja ansiedade possui base realística. Portanto, a articulação que se estabelece entre a ansiedade e a neurose é pautada no fato de que o eu “se defende contra um perigo pulsional com a ajuda da reação de ansiedade, do mesmo modo que o faz contra um perigo real externo” (FREUD, 1926 [1925]/1996, p. 165).

Entretanto, essa reação defensiva redundava numa neurose devido a uma imperfeição do aparelho mental. O eu da criança na situação de desamparo não tem maturidade para fazer distinção entre perigos externos e internos, e, ainda não pode atender as exigências pulsionais de satisfação, de tal modo que, “o desamparo motor do eu encontra expressão no desamparo psíquico” (FREUD, 1926 [1925]/ 1996, p. 165).

A criança que sente falta da mãe experimenta uma situação traumática que só se torna uma situação de perigo no momento em que é percebida a sua ausência e a aí a ansiedade é sentida pelo eu como um perigo de perda de objeto. Na ausência desse objeto, no ato do nascimento se faz presente a ansiedade e que só depois de repetidas experiências de satisfação, o objeto é sentido como uma necessidade que intensamente investida resulta num ‘anseio’. Como escreve Freud: "o eu que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente, em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso" (FREUD, 1926 [1925]/1996, p. 164, 167).

Em *Totem e Tabu* (1912) Freud fala do totemismo e sua relação com o tabu. Mas, no sistema totêmico cada clã é nomeado segundo o seu totem. Esse totem era o antepassado comum a todos do clã que reconhece e protege os seus filhos. Em contrapartida os membros do clã se obrigavam a não destruir, nem matar seu totem e eram proibidos de comer sua carne sob pena de sofrer sanções. Mas, o totemismo era a base das relações sociais entre os povos da tribo e estas giravam em torno de um pai. Entretanto, este pai impunha uma lei que proibia as relações sexuais entre as pessoas do mesmo totem e também o casamento entre eles. Trata-se da “exogamia” uma organização vinculada ao totemismo que determinava uma proibição, cuja violação desta atribuía uma punição severa para todos do clã como se tratasse de uma culpa. No entanto, os filhos se revoltaram com essa proibição, e reunidos conseguiram assassinar o pai num ato de violência coletiva. Depois da morte do pai rejeitaram e negaram o assassinato, sentiram-se arrependidos pela má ação e criaram uma nova ordem social. Trata-se da exogamia e o “totemismo baseado na proibição do assassinato do substituto do pai (o totem)” (ROUDINESCO, E.; PLON, 1998, p. 758)

Nesse contexto, o que Freud (1912) quer também ressaltar é a relação filho-pai e nessa ordem, “Deus era o pai exaltado e o anseio pelo pai constituía a raiz da necessidade de religião” (FREUD, 1927 [1927-1931]/1996, p. 31). A partir disso, descobriu-se que o elemento da fragilidade e do desamparo humanos ao qual se atribui como essencial na formação da religião, agora inverte tudo que foi no passado o complexo paterno em função do desamparo. Dito de outro modo, isso mostra a relação entre o complexo paterno e o desamparo e a necessidade de proteção do homem, que consiste na relação do desamparo da criança com o desamparo do adulto.

Em *O Futuro de uma Ilusão* (1927) Freud concebe o desamparo a partir de um contexto religioso. Esse desamparo é considerado não apenas uma fase da criança de tenra idade, mas algo que acompanha toda a vida do sujeito e funda o “desamparo do homem, porém permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses” (FREUD, 1927 [1927-

1931]/1996, p. 26). Entretanto, esses deuses não serviam de garantia quanto à proteção contra os perigos da natureza e nem tampouco cumpria a sanção de atenuar os conflitos humanos que o destino apresentava, nem mesmo os livrava da morte. Daí a afirmação de Freud de que com relação à “distribuição dos destinos, persistia a desagradável suspeita de que a perplexidade e o desamparo da raça humana não podiam ser remediados” (FREUD, 1927 [1927-1931]/1996, p. 27). Com isso, o desamparo passa a ser algo tolerável pelo homem para além do período da própria infância da raça humana.

Conforme argumentações de Pereira (1999), a noção de desamparo se faz presente na obra freudiana desde as formulações encontradas no artigo “Projeto para uma psicologia científica” onde essa concepção assume uma condição radical de dependência psicomotora do bebê. Entretanto, no percurso das elaborações freudianas essa concepção inicial de absoluta dependência do bebê sofre alterações, de tal modo, que no final de sua obra o estado de desamparo é designado como a “base do desespero do homem quando confrontado à precariedade de sua existência, e que o leva à criação de deuses onipotentes, supostamente capazes de controlar de modo benfazejo as potências do Universo” (PEREIRA, 1999, p. 37). Segundo o autor Freud descobre ainda que essa condição originária temporária assume uma “dimensão ainda mais fundamental de desamparo, situada nos limites das condições de possibilidades do funcionamento psíquico” (PEREIRA, 1999, p. 37).

Como se pode notar as formulações aí descritas apontam para uma condição de desamparo que não se restringe apenas ao aspecto orgânico, mas, sobretudo ao fato de que entram em cena os recursos do funcionamento psíquico por parte do “eu” que em busca do objeto se depara com o perigo. Como escreve o autor, a proposta freudiana do desamparo alcança agora uma dimensão essencial, que marca o funcionamento psíquico e marca sua fragilidade. Quando o sujeito se sente abandonado, inclusive sem a proteção dos deuses que ele mesmo criou para si, o desamparo passa a ser enfrentado como a “condição última de falta de garantias do funcionamento psíquico, que o homem tem de quando se livra de todas as ilusões protetoras que cria para si mesmo” (PEREIRA, 1999, p. 130).

Segundo Pereira (1999), Lacan teorizou o desamparo numa referência ao “estágio de insuficiência psicomotora primitiva como decorrente da “prematuração” do ser humano quando de seu nascimento” (PEREIRA, 1999, p. 228). Contudo, essa condição institui uma relação do bebê com seus pais e cria uma situação de dependência. Mas, é nesse momento que ocorre o processo de humanização e a inscrição do recém-nascido no seio familiar.

No texto de 1951, intitulado “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, Lacan diz que o indivíduo passa por dificuldades ou mal-estares primordiais ao nascer por

causa de “uma adaptação insuficiente à ruptura das condições ambientais e de alimentação que compõe o equilíbrio parasitário da vida intra-uterina” (LACAN, 1951/ 2003, p. 39). Essa condição, Lacan considera como um período de precocidade e deficiência biológica positiva, pois, o bebê é incapaz de agir por si só para sobreviver. Decorre disso que se instala entre o bebê e os pais uma relação de dependência, cuja inscrição simbólica institui o seu processo de humanização.

Nesse contexto, Lacan (1951) afirma que esse estado de dependência biológica condiciona o indivíduo à dependência vital em relação ao grupo, isto é, o confronto com o Outro na constituição da subjetividade. Nesse sentido, Lacan vai dizer no artigo “Funções da psicanálise em criminologia” que a “realidade da miséria fisiológica própria aos primeiros meses de vida do homem” (LACAN, 1951/2003, p. 138), se inscreve na história psíquica deste e se revelará como importante significante. Na verdade, o que Lacan quer ressaltar é a importância de algo que ultrapassa a dimensão biológica que em dado momento de separação entre o bebê e mãe, apela para uma falta que não cessa nem mesmo com a ajuda alheia. Essa separação é tratada por Lacan como a que ocorre por ocasião do desmame que dá

expressão psíquica à primeira e também mais adequada, à imagem mais obscura de um desmame mais antigo, mais pesaroso e de maior amplitude vital: o que, no momento, separa a criança da matriz separação prematura donde provém um mal-estar que nenhum cuidado materno pode compensar (LACAN, 1951/2003, p. 40/41).

No seminário sobre o desejo e suas interpretações (1958 – 1959) Lacan tece importantes considerações sobre o desamparo (*Hilflosigkeit*) tendo como base a dialética do desejo. Nesse sentido, Lacan vai dizer que o sujeito numa situação de desamparo é confrontado com uma experiência traumática e que nesse caso trata-se da presença do desejo do Outro. Tal confronto impossibilita o sujeito de reagir, pois não dispõe de recursos, isto é, está desamparado “na presença primitiva do desejo do outro como opaco, como obscuro, o sujeito fica sem recursos” (LACAN, aula de 12 de Novembro de 1958 – seminário inédito, p. 28).

Ao se deparar com o desejo do outro, o sinal de angústia se presentifica indicando ao sujeito a experiência de desamparo. Cumpre notar, que a “angústia se produz como um sinal no eu, sobre o funcionamento da *Hilflosigkeit* a qual ela é enquanto sinal chamada a remediar” (LACAN, aula de 12 de Novembro de 1958 – seminário inédito, p. 28).

No seminário sobre a Transferência (1960-1961/2010, grifos do autor) Lacan propõe uma distinção entre a situação de angústia, perigo e *Hilflosigkeit*. A angústia implica numa expectativa, ou *Erwartung*, espera. Assim, entre a situação de desamparo e o ato em si de

realizar uma fuga aparece a angústia marcada por sua característica central de *Erwartung*, como solução.

Portanto, o caráter essencial na ação de fugir é o *Erwartung*, e é isso que designa a “angústia como o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo” (LACAN, 1960/1961, 2010, p. 445, grifos do autor). É neste lugar, quando o sujeito atinge este ponto de angústia é que ele pode sustentar a relação com o desejo. Dito de outro modo, diante da angústia e por meio desta é que o sujeito vai se colocar em contato com o seu próprio desejo.

O desamparo aqui referido tem a ver com a linguagem e que, apesar da prematuração simbólica da criança é ali que ela se inscreve no “ser para o outrem e o ser para si” (LACAN, 1960/1998, p.661), isto é, no discurso do Outro. É o processo de simbolização. E é nessa conjunção simbólica que se instala o desamparo, onde o sujeito se depara com a falta no outro e seu próprio discurso que não oferece garantias. Assim, no dizer de Lacan “o drama do sujeito no verbo é que ele experimenta ali sua falta-a-ser” (LACAN, 1998, p. 661).

Para Kehl (2002), o sujeito nascido nas sociedades modernas carece de filiação simbólica e por isso “são mais desamparados da autoridade paterna e muito mais carentes de *ser* do que o cidadão” (KEHL, 2002, p. 40, grifo do autor) do mundo antigo. Nessas sociedades tradicionais, essa carência do ser, isto é, o desamparo era disfarçado pelas estruturas simbólicas estáveis de parentesco, cuja referência indicava às pessoas um lugar, um nome, e até mesmo um destino legitimado pela sociedade.

Por outro lado, a autora afirma que a linguagem no mundo moderno representa a “*expressão de quem fala*” (KEHL, 2002, p. 67, grifos do autor) e não mais os nomes das coisas e nem a representação da verdade. Assim, o sujeito está desamparado da própria linguagem, e no mundo como ser de linguagem. Assim, o sujeito enquanto ser de linguagem não está apenas desamparado no mundo, mas seu desamparo está na própria linguagem.

Nesse contexto, resta ao homem moderno o sentimento de desamparo, uma vez que lhe faltam referências estáveis para a linguagem na constituição da relação com o outro e com a realidade.

Portanto, na modernidade o declínio das tradições leva o sujeito a uma condição de desamparo ainda mais dramático. Sem as tradições falta ao sujeito o “suporte da transmissão da Lei na interface entre o imaginário e o simbólico” (KEHL, 2002, p. 69).

Para Kehl (2002), o mito de Totem e tabu indica a condição do homem moderno que, além de perder a proteção dada pelo pai, priva os filhos do amparo que este oferecia. Com isso, os indivíduos ficam:

livres e desamparados e livres *porque* desamparados depois da perda do pai simbólico. Por tudo isso, não lamentemos, no entanto, nossa condição de desamparo: a modernidade e nossa predestinação, a ela devemos nosso grão de liberdade, nosso criador – contanto que sejamos capazes de suportar viver em falta com a verdade (KEHL, 2002, p. 70, grifo do autor).

Entretanto, na visão de Pereira (1999) tal condição se torna insuportável quando o homem se encontra abandonado por todos, inclusive pelos deuses criados por ele, ou seja, sem garantias de proteção tendo que se deparar com “seu desamparo mais radical, o vazio do fiador último da sua história simbólica” (PEREIRA, 1999, p. 127).

Birman (2007) percorre a obra freudiana e revisa alguns conceitos do discurso desta visando compreender as relações do sujeito com a modernidade. Para tanto, o autor discute o desamparo nessa relação levando em conta transformações sofrida na subjetividade no âmbito da civilização. Partindo dessa concepção o autor diz que há uma mudança radical entre os dois discursos freudianos na resolução dos conflitos entre o registro da pulsão e o da civilização. O autor ressalta que no texto de 1908, Freud defende a idéia de uma harmonia entre os dois registros e, portanto uma solução possível. Já no texto de 1929, Freud não sustenta mais essa idéia, e o conflito cultural e civilizatório passa a ser de ordem estrutural, ou seja, nunca seria superado. Assim, Freud chega a conclusão de que se na versão inicial o conflito poderia ser *curável*, na segunda versão o conflito é insuperável e o sujeito está destinado ao desamparo.

Birman (2007) diz que o discurso freudiano considera o desamparo como fundamento do sujeito o qual é marcado por uma dimensão trágico da finitude, e, além disso, não dispõe de qualquer recurso para se sustentar. Assim, marcado para a morte, resta o vazio é o abismo. Desse modo “desamparo seria aquilo que instaura o mal-estar na modernidade” (BIRMAN, 2007, p. 43). O sujeito na situação de desamparo está submetido às pressões constantes das forças pulsionais. Nessa condição, o sujeito é tomado pelo excesso, sendo obrigado a realizar uma tarefa que dê conta de dominar satisfatoriamente essas intensidades pulsionais. E é aqui que o sujeito acaba se deparando com a angústia real, cujo efeito pode ser traumático se ele não conseguir transformá-la em angústia do desejo. Para alcançar essa transformação implica a busca da satisfação e assim evitar o trauma.

Com isso, na visão de Birman (2007) a concepção de desamparo e mal-estar na civilização denota a situação crítica da fragilidade do homem diante de um mundo, impossibilitado de interferir na auto-regulação da natureza. Desse modo, o autor aponta que “não existiria desamparo de sujeito, ou este seria curável, pois, a autorregulação da natureza protegeria a subjetividade” (BIRMAN, 2007, p. 142) e, além disso, “o desamparo seria, não

apenas inevitável, mas também incurável, já que não existiria qualquer proteção originária para o sujeito” (BIRMAN, 2007, p. 142). Por isso mesmo, impõe-se ao sujeito a exigência da gestão do mal-estar, do próprio desejo e do desamparo pelo registro horizontalizado dos laços sociais.

3 SOBRE A NEUROSE OBSESSIVA

Freud no seu artigo “As Neuropsicoses de Defesas” de 1894 interessou-se por investigar os problemas das neuroses no que diz respeito às origens destas. Nesse percurso, ele classifica esses problemas em dois grupos aos quais chamou de neurastenia e de psiconeurose. No grupo das psiconeuroses enquadra-se a histeria e neurose obsessiva.

Nesse mesmo texto, Freud (1894) traz uma inovação comum às duas neuropsicoses de defesa, ou seja, ambas, histeria e obsessões se originam de experiências traumáticas vividas na tenra infância, de tal modo que qualquer lembrança ou efeito destas devem ser mantidos distante da consciência. Observa-se que aqui Freud aponta algo sobre o que condiciona um indivíduo a uma neurose. Desse modo, tanto o histérico quanto o obsessivo se esforçam por realizar essa tarefa e ao mesmo tempo transformar a lembrança traumática em uma representação mais fraca orientando-a para outros fins. Como escreve Freud, “o eu transforma essa representação poderosa numa representação mais fraca, retirando-lhe o afeto – a soma de excitação” (FREUD, 1894/1996, p. 56). Mas essa representação mais fraca não exige nada do trabalho de associação. Entretanto, a soma de excitação livre desta representação será utilizada para outros fins. Note-se que aqui se revela uma característica importante que distingue a histeria da neurose obsessiva pelo fim que é dado a sua representação incompatível.

Ocorre que na histeria esta soma de excitação se transforma, e se converte em algo somático. Já, na neurose obsessiva a representação enfraquecida persiste na consciência, desvinculada de qualquer associação. Todavia, o afeto que antes era livre, liga-se agora a novas representações, que mesmo não sendo incompatível em si mesmo, é por conta dessa “falsa ligação,” (aspas do autor) que se explica a formação das representações obsessivas. Assim, devido a essa “falsa ligação” (*mésaliance*), isto é, uma carga afetiva antes desvinculada da idéia original, liga-se agora as outras representações mais toleráveis, justificando assim o conteúdo tolo das idéias obsessivas. Com isso, Freud começa a separar a neurose obsessiva da histeria, uma vez que expõe um de seus mecanismos centrais, isto é, a separação entre o afeto e a representação.

Outro trabalho freudiano que se destaca no estudo da neurose obsessiva é o artigo Obsessões e fobias – seu mecanismo psíquico e sua etiologia onde Freud (1895) aponta a impossibilidade de obsessões e fobias serem qualificadas como pertencentes ao grupo da neurastenia, tendo em vista que os sintomas desta se apresentam de forma instável no sujeito. Com essa justificativa Freud situa as fobias e obsessões separadas das outras neuroses.

Para Freud, há um ponto comum a todas as obsessões. Mas, se por um lado as fobias se manifestam sempre por um estado emocional de “angústia”, (aspas do autor) por outro lado nas obsessões chamadas por Freud de verdadeiras os estados emocionais têm sua expressão seguida de dúvida, raiva ou remorso, como também a angústia. Além disso, nas obsessões fica claro o estado emocional (raiva, remorso ou dúvida) uma vez que este se mantém inalterado, mas a representação vinculada a ele varia. Como Freud escreve

é nessas duas características que reside a marca patológica – o estado emocional persiste indefinidamente e a representação associada não é mais a representação apropriada original, relacionada com a etiologia da obsessão, mas uma representação que a substitui, um sucedâneo dela (FREUD, 1895/1996, p. 80, grifos do autor).

Entretanto, Freud (1895) enfatiza ainda que estas representações substituídas são experiências vivenciadas na vida sexual do sujeito e que podem ser resgatadas mediante a história deste, história esta que ele tenta esquecer.

Em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907) Freud fez uma analogia entre os atos obsessivos e as práticas religiosas expondo suas diferenças e semelhanças, sendo estas as características mais marcantes. O que interessava a Freud era investigar porque as pessoas que sofriam de doenças nervosas e aquelas pessoas convictas de sua fé religiosa praticavam seus cerimoniais religiosos num ato de devoção. Para Freud estes indivíduos faziam parte da mesma categoria daquelas que sofriam de pensamentos obsessivos, ideias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. A tudo isso foi nomeado de neurose obsessiva.

Os atos obsessivos do neurótico baseiam-se em pequenas alterações em alguns atos cotidianos. Assim, pequenos acréscimos, restrições ou arranjos devem ser praticados com variações regulares e segundo uma mesma ordem. Para o sujeito estas práticas parecem não ter sentido algum, entretanto, são apegados a elas de tal modo que ao menor sinal de distanciamento do cerimonial, se expressa intolerável ansiedade, forçando-o a corrigir a sua falta.

Para Freud (1907) as semelhanças entre atos obsessivos e atos sagrados dos rituais religiosos são perceptíveis à consciência do sujeito que as pratica, pois estes atos são realizados com riqueza de detalhes e sem interrupção no curso das atividades. Por outro lado, as diferenças entre estes atos, apesar de também serem óbvias, outras, no entanto, são gritantes: os atos obsessivos neuróticos possuem uma diversidade individual, e, portanto de caráter privado, ao passo que os atos sagrados dos cerimoniais religiosos, têm um caráter público e comunitário. Quanto ao significado das práticas minuciosas do cerimonial religioso,

estas são significativas e têm um sentido simbólico; já nos atos obsessivos, as minúcias que acompanham estas atividades são destituídas de sentido, isto é, são tolas e absurdas.

Segundo Freud (1907), “uma das condições da doença é o fato de que a pessoa que obedece a uma compulsão, o faz sem compreender-lhe o sentido – ou pelo menos, o sentido principal” (FREUD, 1907/1996, p. 113). Assim, Freud afirma que apenas o trabalho do processo de análise pode revelar à consciência o sentido dos atos obsessivos e cerimoniais que são na verdade originados das experiências mais íntimas do sujeito principalmente dos atos sexuais. Nesse sentido, pode se dizer que os atos obsessivos servem para expressar motivos e ideias inconscientes e a análise possibilita certa compreensão destes, como também de seus motivos e suas causas.

Freud (1907) indica o sujeito que sofre de proibições e compulsões têm um comportamento dominado pelo sentimento de culpa, contudo, nada sabe deste, sendo por isso denominado por Freud de sentimento inconsciente de culpa. A origem deste advém dos eventos primitivos, os quais são revividos por meio da repetição a cada nova experiência. Por outro lado, esse sentimento de culpa é seguido por um sentimento de ansiedade (angústia expectante) traduzida na forma de infortúnio vinculada à idéia de punição, conduzindo o sujeito à percepção interna da frustração. Isto leva o sujeito a não evitar o ato obsessivo, para não se sentir culpado. Como Freud, Klein também afirma que o ato obsessivo aparece como medida protetora ou como ato de defesa, ou segurança.

De acordo com a concepção freudiana descrita nesse texto há uma correspondência entre o sentimento de culpa dos obsessivos e a convicção de indivíduos religiosos e suas práticas de devoção, pois estas parecem validar-se como medidas de proteção ou de defesa. Por outro lado, a partir de uma análise mais profunda dos mecanismos da neurose obsessiva deve-se atentar para um aspecto fundamental, isto é, na neurose obsessiva o que está em jogo é a repressão de um impulso pulsional. Dito de outro modo, essa repressão pulsional impõe ao sujeito uma renúncia à satisfação. Ocorre que a repressão da pulsão em curso faz-se perceptível à consciência e assim cria-se uma reação contrária aos objetivos da pulsão. E a isso Freud chama de formação reativa psíquica.

Essa experiência de renúncia é vivida como uma tentação que se cria sob a influência da pressão que foi recalcada no inconsciente. Em resposta a isso se gera uma angústia expectante. Portanto, a neurose obsessiva é resultante de um processo de recalque, cuja consequência é parcial, e, além disso, realiza-se sob a ameaça de um fracasso, dito outro modo, comparado a um conflito interminável. Nesse sentido, Freud reafirma que os atos cerimoniais e obsessivos são praticados como medida de proteção contra a tentação

acompanhada de proibições na tentativa de afastar-se da fonte das tentações. Observa-se que estas proibições substituem os atos obsessivos e estas substituições, por sua vez são resultantes de um mecanismo de deslocamento, ou seja, “deslocamento de um elemento real” (FREUD, 1907, 1996, P. 116).

Em suma, pode-se dizer que a tentativa de criar um paralelo entre atos obsessivos que são sintomas com as práticas religiosas não é tão evidente, contudo os atos obsessivos que são realizados em nome da religião, são atos proibidos por esta, ou seja, são manifestações das pulsões por ela recalçados. Como Freud indica pode-se “considerar a neurose obsessiva como correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal” (FREUD, 1907/1996, p. 116).

Em Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade de 1905, Freud orienta suas investigações acerca das psiconeuroses referindo-se aqui ao papel da pulsão sexual e a complexidade dos processos desta que envolve o desenvolvimento humano.

Nesse texto, Freud versa sobre concepção de pulsão sexual como algo que se define como uma representação psíquica, cuja fonte endossomática de estímulos advém de excitações periféricas do próprio corpo do sujeito, ou seja, de energia constituinte da libido carregada de energia. Sendo assim, a vida sexual infantil é marcadamente auto-erótica, ou seja, seu objeto acha-se localizado no próprio corpo. De início, a pulsão sexual desenvolve-se ao longo do período da infância à puberdade, passando sob a forma de várias pulsões parciais reunidas, cujo conjunto delas forma a base da sexualidade infantil. Assim, estas pulsões parciais são advindas das zonas erógenas, isto é, de fontes localizadas em determinadas zonas do corpo. Por outro lado, durante o período de latência pode a partir da moção dessas pulsões parciais, criarem no sujeito forças anímicas contrárias, isto é, moções reativas que para defender-se do desprazer surgem diques psíquicos como vergonha e moral. Nessa perspectiva, Freud assinala que cada uma das neuroses deriva de sua fixação em uma das fases sexuais do desenvolvimento humano. Daí atribui-se o aparecimento da neurose obsessiva a uma fixação na fase anal.

No texto Caráter e erotismo anal de 1908, Freud indica certo tipo de diferença encontrada em alguns sujeitos por serem definidos por traços de caráter. Assim, ele considerou que existia uma relação entre o desenvolvimento dos traços de caráter e a função corporal (específica) exercida por um órgão (ânus), e nessa relação surge uma pulsão sexual como também outros destinos possíveis advindos dessa relação, a saber, formação reativa e sublimação.

Nessa concepção, Freud descreve os indivíduos organizados a partir de três características, ou seja, eles são ordeiros, obstinados e parcimoniosos. Ordeiros são aqueles indivíduos dotados de esmero e escrúpulo ao lidar com seus deveres e a fidedignidade; a parcimônia tem a ver com a avareza; já a obstinação pode converter-se em rebeldia, e esta sua vez pode com facilidade associar-se à cólera e aos ímpetos vingativos. O complexo formado por essas três características surge na primeira infância, em indivíduos que encontram obstáculos para superar sua incontinência fecal, ou ainda aqueles bebês que se recusaram esvaziar os intestinos. Aqui, Freud estabelece que indivíduos com estas indicações apresentem uma constituição sexual “na qual o caráter erógeno é muito forte na zona anal” (FREUD, 1908/1996, p 160).

Outro texto importante que trata da problemática da neurose obsessiva é o artigo intitulado Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). Nesse artigo, Freud traça novas proposições fundamentais acerca das investigações sobre um caso de neurose obsessiva, de tal modo que este se torna uma obra de referência para o estudo desta neurose.

Conforme esse relato Freud (1909) diz que o paciente em questão se tratava de um jovem de formação universitária que dizia ter sofrido de obsessões a partir da infância, mas nos últimos 4 anos agravou-se intensamente. Entretanto, a principal queixa desse sujeito caracterizava-se por um medo de que algo de muito ruim acontecesse às pessoas que ele gostava a dama e o seu pai a quem ele admirava. Somado a isso, esse sujeito era consciente de seu distúrbio, isto é, dos seus impulsos compulsivos como, por exemplo, o impulso de cortar a garganta ou afogar-se.

O grande medo obsessivo desse sujeito que se apresentava na sua narrativa era o medo do suplicio dos ratos, ou seja, medo de um castigo oriental que consistia na introdução de ratos em ânus. Continuando o relato de sua história a Freud o sujeito é tomado por uma ideia repentina, isto é, uma idéia obsessiva de que o que acabara de relatar estivesse ocorrendo a alguém que lhe era muito cara.

Outro aspecto relacionado à questão desse sujeito era a relação com seu pai que embora já estivesse morto, a lembrança de uma experiência vivida por ele quando servia ao exército, relativa a uma dívida antiga com um amigo e que com base no seu juramento teria que efetuar o pagamento. Como não conseguia realizar o pagamento da dívida da maneira como estava pensando “Você deve pagar de volta o dinheiro ao Tenente A” (FREUD, 1909/2002, p. 21), sentia-se incapaz de sustentar seu juramento como tal, pois este era fundamentado em falsas conexões. Na verdade, o reembolso dessa dívida era para ser feita à funcionária dos correios que de fato havia efetuado o pagamento da compra de um pincenê

que o sujeito havia encomendado com urgência. Mas, esse sujeito apesar de estar ciente disso, insistia em fazer o reembolso para um Tenente que nada tinha a ver com essa história. Assim, o paciente era movido por uma ordem interior que o obrigava a quitar a dívida, sendo que este mandado contraria a idéia de que ele não devia devolver o dinheiro, pois se assim o fizesse, o castigo oriental, isto é, o suplício dos ratos aconteceria á dama e ao seu pai. Além disso, essa dívida remetia à lembrança da história da dívida de seu pai o qual contraíra uma dívida de uma quantia em dinheiro em jogos de cartas.

Segundo Freud alguém que pratica tal ação é chamado de *Spielratte*, cuja definição literal significa rato de jogo ou ainda definido por um termo coloquial que em alemão nomeia jogador. A dívida de jogo foi quitada graças a ajuda de um amigo que lhe fez empréstimo, contudo seu pai nunca conseguirá reembolsar o dinheiro a este amigo.

Conforme Freud (1909, grifo do autor) a lembrança do suplício dos ratos que mais provocou o paciente foi o erotismo anal, cuja função marcante a partir da infância permaneceu ativa ao longo da sua vida. Assim, cria-se uma relação de modo que os ratos passam a adquirir o significado de “dinheiro” (FREUD, 1909/2002, p. 1909). Daí o paciente associava a palavra “*Ratter*” (“ratos”) com Raten (prestação) e em seus delírios cria uma moeda – rato. Dizia Tantos flurins, tantos ratos, numa referência ao pagamento dos honorários do médico. O uso dessa linguagem foi integrado às suas ideias e por meio da palavra “*Spielratte*” era reconduzido à dívida contraída por seu pai no jogo.

Outro aspecto notável no relato do Homem dos Ratos que aparece na análise é a relação de amor e ódio vividos na relação entre o paciente e seu pai. Assim, ele pensava no pai como algo que o impedia de realizar o desejo de casar-se com sua dama. Daí ele passa a pensar na morte de seu pai, pois dessa forma se tornaria financeiramente capaz de realizar o seu desejo de amor. Contudo, para defender-se desse pensamento tenta anular essa ideia com a finalidade de ter uma compensação, pois, teme a perda de alguém a quem tanto ama. Nas palavras de Freud o paciente está consciente de que “a morte de do pai jamais poderia ter sido objeto de seu desejo, mas apenas de seu medo” (FREUD, 1909/2002, p. 30). E todo esse medo correspondia a um desejo primeiro, agora reprimido

Em Totem e Tabu de 1913, Freud descreve as obsessões ressaltando desta vez algumas semelhanças entre o tabu e a neurose obsessiva. Assim, o tabu era uma expressão social de povos primitivos, cuja manifestação principal era a proibição. Entretanto, o ponto de correspondência entre os tabus e a neurose obsessiva referia-se às proibições, sendo estas destituídas de motivos, além de serem misteriosas quanto as suas origens. Estas proibições

são mantidas por uma certeza intensa, uma convicção moral de que qualquer violação levará a uma desgraça.

Para Freud (1913) o tabu de tocar, isto é, o tabu de contato constitui a principal proibição na neurose obsessiva. Assim, essa proibição não se reduz apenas a impossibilidade de contato físico, mas também não será permitido contato intelectual, ou seja, qualquer pensamento que oriente o sujeito para o objeto proibido. Nesse contexto, as proibições obsessivas podem sofrer deslocamentos de um objeto a outro de tal forma que esse novo objeto se torne impossível de ser encontrado.

Em suma, o tabu aqui descrito comparado às proibições obsessivas dos neuróticos refere-se a uma proibição primeva imposta aos povos primitivos contra aos seus desejos. Sendo assim o desejo de transgredi-lo persiste no inconsciente. Além disso, o sujeito que obedece ao tabu assume uma atitude ambivalente em relação aquilo que o tabu proíbe.

Uma investigação mais profunda dos sintomas na neurose obsessiva e dos atos obsessivos, medidas defensivas e ordens obsessivas, Freud (1913) observa que estes aparentemente resultam de impulsos ambivalentes que considera de um lado, tanto “um desejo como um contra desejo” (FREUD, 1913/1999, p.45) e ao mesmo tempo atua influenciando uma das tendências opostas.

De acordo com Freud (1913) a atitude ambivalente encerra um conflito entre duas tendências opostas, ou seja, por um lado, o sujeito deseja realizar algo (ato de tocar) e por outro lado, ele impede que tal ato se realize. A força e caráter obsessivo dessa proibição têm relação com o vínculo que ela possui com uma parte contrária inconsciente. Freud enfatiza ainda que “a base do tabu é uma ação proibida para cuja realização existe uma inclinação inconsciente” (FREUD, 1913 – 1914/1996, p. 49).

Nesse contexto, observa-se que se cria uma impossibilidade de realização de desejo, e este sendo pulsional, sofre deslocamentos constantes a procura de substitutos para se livrar do obstáculo imposto. Essa atividade agindo de forma constante entre duas s opostas e conflitantes gera uma tensão cuja finalidade é a descarga. E é isso que justifica a prática dos atos obsessivos cuja finalidade é reduzir o acúmulo de tensão uma vez que estas obsessões atendem aos desejos da pulsão que persiste e foi marcada em determinado ponto da tenra idade.

Outro aspecto importante destacado por Freud (1913) nesse texto é o caráter primitivo do pensamento neurótico. Nos neuróticos obsessivos a onipotência dos pensamentos refere-se à superestimação da ação psíquica sem correspondência com a realidade. Assim, atos obsessivos vêm revelar algo que distancia o sujeito em demasia do envolvimento com a

coisa sexual, e também vem mostrar que eles são substitutos do ato sexual, isto é, imitações muito próximas do ato sexual proibido. Assim, confronto com a realidade é decisivo para a formação dos sintomas, sintomas estes que se expressam por meio dos pensamentos e não através da experiência real. Contudo, esse modo primitivo de pensar é uma tentativa de lidar com o estado de desamparo o qual de forma regressiva atualiza o impacto da fragilidade e prematuração de um aparelho psíquico incapaz de dar conta das exigências pulsionais e fortificar um eu em formação.

Para dar continuidade a essa discussão considera-se relevante descrever alguns conceitos relacionados à neurose obsessiva, a partir do ponto de vista dos pressupostos teóricos de Melanie Klein.

Para Melanie Klein (1946/1991), o bebê desde o nascimento vivencia situações difíceis de frustrações e desconforto que o levam a sentir-se atacado por forças hostis, de tal modo, que são estas sensações iniciais que dão origem a ansiedade persecutória. Assim, a teoria kleiniana concebe as formas de constituição da subjetividade do bebê vinculadas ao conceito de ‘posição’ de modo que esse processo se realiza em dois estágios, a saber, a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva. Nestas posições o bebê vivencia as ansiedades mais arcaicas.

Segundo Klein (1946/1991) a posição esquizo-paranóide é uma fase muito inicial, momento em que a ansiedade persecutória, a onipotência e idealização são predominantes e “influenciam fundamentalmente as relações de objeto” (KLEIN, 1946/1991 p. 72). Nesse sentido, o desenvolvimento do eu é determinado por mecanismos de introjeção e projeção. Esse mecanismo de defesa primordial de clivagem tem o seio como objeto que se divide em seio bom e seio mau e como Klein escreve, “desde o início o impulso destrutivo volta-se contra o objeto e se expressa primeiramente em fantasias de ataques sádicos ao seio materno” (KLEIN, 1946/1991, p. 21). Nessa fase inicial o bebê se relaciona com os objetos parciais, ou seja, o seio bom e ideal, e um seio mau. Este último é projetado para fora como sendo destruidor e perseguidor do objeto bom. E aí surgem os medos e as ansiedades persecutórias cujo nível de intensidade pode impedir o bebê de alcançar a fase seguinte, isto é, a posição depressiva. O fracasso dessa elaboração pode levar a psicoses graves, distúrbios maniaco-depressivos, como também, em certa medida, influenciar a escolha da neurose.

Nesse contexto, a entrada na posição depressiva depende de uma boa elaboração da posição anterior. E à medida que o ego é capaz de integração e síntese os sentimentos de amor e ódio, e, portanto, destrutivos são dirigidos ao objeto como total. Desse modo, a posição depressiva desempenha um papel central no desenvolvimento infantil, “porque com a

introjeção do objeto como um todo as relações de objeto do bebê se alteram fundamentalmente” (KLEIN, 1946/1991, p. 22). Nessa perspectiva, a posição depressiva corresponde a fase do desenvolvimento infantil no qual a criança reconhece um objeto como total e se relaciona com este como tal. A criança passa a reconhecer a mãe como objeto total, e suas relações com esta é total e não mais como objeto parcial, ou seja, o bebê se relaciona agora não apenas com o seio, mas com uma pessoa total, isto é, um indivíduo com vida própria e que se relaciona com outras pessoas. Contudo, é nesse ponto que o “bebê descobre seu desamparo, sua completa dependência dela e seu ciúme de outras pessoas” (SEGAL, 1975, p. 81).

Sendo assim, Klein (1952) assinala que com a introjeção de objeto como total implica mudanças nas relações com objeto e assim, o amor e o ódio dirigidos a mãe agora são sentidos como total, resultando numa intensificação do medo da perda, sentimento de culpa por causa da agressividade dirigida antes ao objeto amado. Além disso, o desenvolvimento da posição depressiva possibilita maior interação do ego e também maior compreensão da realidade psíquica e percepção do mundo externo. Entretanto, a ansiedade com relação a mãe internalizada leva a uma maior identificação com o objeto danificado, e como Klein ressalta, “essa identificação reforça tanto a inibição do ego agressivo, quanto ao impulso reparador (KLEIN, 1952/1991, p. 99). É nesse estágio que se inicia o processo de reparação para dar conta da relação objetal ambivalente tão comum na neurose obsessiva. Nessa neurose o sujeito é levado a restaurar, além do objeto em relação ao qual ele vivencia a culpa, parte do self.

Essa tendência a reparar o objeto está ligada ao sentimento de culpa e a esse processo Klein chamou de mecanismo obsessivo. Os mecanismos obsessivos são essenciais para o desenvolvimento do ego e também constituem as defesas que capacitam o ego a lidar com a ansiedade. Segundo Klein (1952), a presença excessiva destes mecanismos como principal fonte de defesa indica que uma neurose está em curso, e ao mesmo tempo representa uma saída para a criança não cair numa psicose.

Portanto, a neurose obsessiva desempenha um papel importante na vida do sujeito que ultrapassa a dimensão psicopatológica, uma vez que ela modela o funcionamento psíquico do sujeito frente a realidade. Nesse enfrentamento o sujeito utiliza-se de estratégias tais, que apesar de livrá-lo de mais sofrimento, não evita o desamparo tão presente nessa estrutura.

Diante disso, pode-se considerar que a neurose obsessiva fundamentada nesses conceitos representa o conflito trágico do sujeito, que luta para se defender do sentimento

persecutório que o domina na sua condição caótica inicial, própria da posição esquizo-paranóide, e também para se livrar da angústia ao se dar conta de que o objeto agora é total.

3.1 BREVE ANÁLISE DO FILME DIREITO DE AMAR

Nesse ponto do trabalho nos deteremos em traçar alguns comentários a partir de uma breve análise de um filme que parece ilustrar a dinâmica da neurose obsessiva frente ao desamparo.

Trata-se do romance de Christopher Isherwood, transformado em filme e dirigido por Tom Ford em 2009, traduzido como *Direito de Amar* (*A Single Man*), que parece descrever o estado de coisas defendidas ao longo deste trabalho.

Não se pretende uma análise psicopatológica do protagonista. Contudo, o luto em que se encontra revela traços obsessivos, seja na contenção de suas emoções, na forma de se vestir, na forma de arrumação de sua casa ou na organização de sua rotina, bem como no trato com sua empregada. A cena em que ensaia como iria se suicidar é a mais reveladora desses traços. Demonstra seu sofrimento e solidão, típicos do isolamento característico da neurose obsessiva, para além dos rituais apresentados.

Arrasado pela morte de seu companheiro, George Falconer (Colin Firth) tenta viver sua vida de forma controlada. Toda a história do filme se passa em um único dia, uma sexta-feira de final de 1962, oito meses depois da morte de Jim, seu companheiro. Assim, nessa sexta-feira George que é um professor universitário é tomado pelas lembranças de seu passado, de Jim e da vida que tinham a dois, e não vê perspectivas futuras. Uma dessas lembranças é o dia em que George estando sozinho em casa, recebe um telefonema de um primo de Jim, relatando que ele sofre um acidente fatal. Além da perda inesperada do seu grande amor, George descobre que a sua presença não é permitida nas cerimônias fúnebres, o que o deixa mais frustrado, impotente e indignado.

Sua condição de desamparo é retratada a cada quadro, dor ampliada pelos efeitos quase monocromáticos adotados pelo diretor. A cena em que ele pergunta ao primo pelo cachorro de estimação dos dois, também revelaria uma tentativa de manter parte desse amor vivo? Conforme nos ensina Klein (1952), uma tentativa de restaurar o objeto perdido, e assim parte do *self*.

George mora numa casa de vidro projetada pelo seu antigo parceiro e tem apenas uma amiga com a qual tivera uma relação amorosa no passado. Ela é uma mulher rica, deprimida

por ter sido abandonada por seu filho e seu marido e vê em George o homem que poderia ter feito sua vida feliz. Os dois se consolam numa sincera amizade, mas só reforçam a melancolia estampada a cada quadro.

A principal ação do filme explora o impacto de uma perda inesperada e irreparável de amor deixando o sujeito sem perspectivas para o futuro. Um de seus pensamentos, “pela primeira vez na minha vida não posso ver o futuro”, revela a incerteza, a fragilidade e o desamparo diante da vida, que já se tornou insuportável. Por isso, ele abre mão de sua vida decidindo-se pelo suicídio quando lhe ocorre o pensamento, “todos os dias são obscuros, mas hoje eu decidi que o dia ser diferente”. Aqui suas estratégias falharam.

Como já descrito anteriormente, a condição de desamparo não se refere apenas ao aspecto orgânico, mas, sobretudo ao fato de que entram em cena os recursos do funcionamento psíquico por parte do eu que em busca do objeto se depara com o perigo. A fragilidade psíquica é exposta alcançando uma dimensão insuportável. Talvez, a neurose obsessiva se transforme em um fracasso mais fundamental quando suas estratégias falham, uma vez que se trata de um comprometimento do pensamento, e que se revela em um modo primitivo de lidar com o estado de desamparo que potencializa o impacto da fragilidade e prematuração de um aparelho psíquico incapaz de dar conta das exigências pulsionais ou dos fatos incontornáveis da vida cotidiana!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico desenvolvido neste trabalho partiu do interesse de aprofundar o debate clínico da neurose obsessiva, procurando analisar como se articulam as relações desta com os efeitos que o estado de desamparo pode impactar na subjetivação do sujeito, pois a natureza deste corresponde a uma condição original do humano.

A discussão central desse estudo desenvolveu uma leitura a partir do conceito da noção de desamparo tendo em vista a problemática da neurose obsessiva, na busca de compreender como se constitui a dinâmica do psiquismo do neurótico obsessivo, situando o sujeito assim estruturado, diante do seu sintoma.

O sintoma neurótico provém das resistências de um eu carente de recursos para enfrentar seu sofrimento e por desconhecer os efeitos dessa resistência, é o eu do sujeito que padece do medo de sofrer, por sua perplexidade, diante do desconhecido. Assim, ele sucumbe ao deparar-se com o novo e não abre mão do sintoma, isto é, de repetir algo que é para ele uma forma de lidar com o conflito. De certa forma, o sintoma indica uma solução de compromisso que conduz ao prazer, ainda que de forma indireta. E o prazer é algo que pede a repetição. Entretanto, o que o sujeito assim estruturado mais teme é ser levado a se confrontar com aquilo que o eu não quer saber, isto é, o sentido dos elementos que operam no inconsciente que o sujeito procura encobrir na forma de sonhos, lapsos e fantasias.

O obsessivo tenta fugir do sofrimento, mas o que ele mais busca evitar é se deparar com o desprazer da renúncia pulsional, e ainda com a culpa por sua origem ambivalente da relação com o outro, principalmente, aquele outro que lhe é caro. Mas, é o medo do abandono, da perda, do desamparo que o obsessivo não quer enfrentar, uma vez que estes fatores vêm revelar a angústia de castração, melhor dizendo, traz uma ameaça contra algo ocorrido no passado, que não foi possível ser elaborado. Por fim, outro temor do obsessivo é a dor do narcisismo ferido diante do outro, revelando sua total insignificância.

Os fenômenos obsessivos são expressos no discurso daquele que fala, e anunciam o sofrimento e intensidade do afeto neurótico. E, é por meio destes fenômenos que a verdade do sujeito se infiltra. Os sintomas abrigam em si a repetição dessa verdade da história pessoal do sujeito revelando uma realidade psíquica alheia ao mundo dos objetos reais e a lógica do discurso exterior.

Neste contexto, através da complexa constituição da subjetivação no neurótico obsessivo, encontramos uma identificação a uma multiplicidade de mecanismos de defesa. Entre eles estão o recalque, a regressão e a formação reativa. O recalque está na origem da

neurose obsessiva e se fundamenta no fato de manter distante da consciência as experiências vividas na infância, vinculadas ao complexo edípiano.

Contudo, nessa neurose o desvio das tendências libidinais vai além, isto é, além da não elaboração do complexo de Édipo, quando se realiza uma “degradação da regressão da libido, o superego torna-se especialmente severo e rude, e o eu, em obediência ao superego, produz fortes formações reativas de consciência, piedade e asseio” (FREUD, 1926, [1925-1926]/1996, p. 117).

Ocorre que esse processo na neurose obsessiva, ao contrário da histeria se dá acompanhado de intenso prazer. No entanto, o que desencadeia o recalque é a força do desprazer. Assim, é o princípio da Constância que rege o funcionamento do aparelho psíquico, ou seja, manter o nível de tensão tão baixo quanto possível. Nesse contexto, na neurose obsessiva, o aumento da tensão gerado pela intensa sensação de prazer alcançado na experiência de satisfação é percebido pelo aparelho psíquico como desprazer, uma vez que houve aumento de tensão e causou desequilíbrio no psiquismo do sujeito.

Assim sendo, neste trabalho, buscou-se realizar uma articulação da neurose obsessiva com o estado de desamparo, a fim de entender essa condição, pois a mesma se constitui em uma marca natural da existência humana. Assim, torna-se relevante considerar que é no momento inicial onde o recém-nascido humano ainda se encontra sem recurso, que se instaura a formação do psiquismo do sujeito. Note-se que a discussão desde início é também inicial para a psicanálise, fato este que pode ser observado nas formulações presentes no texto do Projeto para uma psicologia científica (FREUD, [1886-1899]/1996).

Esse artigo versa sobre a experiência de satisfação, como um modelo de vivência estruturante do psiquismo. Já o texto *Interpretação dos sonhos* (1900 – 1901 /1996), considera os processos mentais baseados no desejo. Nesse caso, a repressão passa a ser um ponto central na patologia das neuroses, tendo em vista que, uma vez reprimido, esse desejo causa desprazer, por entrar em cena o conflito criado a partir das exigências morais do processo civilizatório. Ainda o texto *Inibição, sintoma e angústia* (1925 [1926]/1996), defende a idéia de que o ato do nascimento é a origem de toda a experiência de angústia. Apesar de se tratar de uma experiência psíquica, a experiência primária de angústia do nascimento encerra uma vivência traumática que leva à repressão e, em certa medida, aos sintomas neuróticos. Neste contexto, é possível inferir que é no momento inicial do recém nascido que se encontra o estado de desamparo, na dependência absoluta dos outros. Assim, além de constitucional, uma situação favorável à neurose, ou seja, essa precariedade biológica e de prematuridade

psicomotora e desamparo no ato do nascimento, poderá ser uma precondição necessária para o surgimento de uma neurose.

O recém-nascido, ao se deparar com uma situação trágica de conflito e angústia, poderá através do desamparo considerar uma possibilidade de acesso ao Outro, ainda que este não ofereça garantias. Nesse sentido, esse apelo dirigido ao outro também não é garantia de satisfação, uma vez que o objeto não foi alcançado. Assim, o estado de desamparo constitui o aparato primitivo da construção da dinâmica do aparelho mental e, na esteira deste, na formação do eu.

Dando continuidade a esta lógica de pensamento, é possível afirmar que o estado de desamparo (a *Hilflosigkeit*) instaura o conflito. A ajuda externa, isto é, os cuidados especiais do outro para com o recém-nascido, a mãe produz na criança uma marca psíquica, que deixa um primeiro traço de memória. Desse ponto em diante, à medida que surge uma nova situação de conflito, esses traços de memória reeditam a percepção daquela primeira experiência de satisfação.

No tocante aos textos que versam sobre a cultura, Freud indica a dimensão subjetiva que o estado de desamparo propiciou ao ser humano. Nessa condição de fragilidade, o homem ainda bebê vivencia o conflito do desamparo, sendo que este se estende para além da infância e não se extingue nem mesmo com a maturidade física. Assim sendo, poderá continuar a influenciá-lo por toda sua existência. Isso quer dizer que o desamparo não se reduz apenas a uma fase inicial do humano e, sim, corresponde a uma marca da condição própria da existência que modela o curso da falta de garantias, a qual poderá perdurar por toda a vida do sujeito.

Nos textos *O futuro de uma ilusão* (1927/1996) e *O mal-estar na civilização* (1930/1996), o que está em questão é o destino do homem no contexto regulado pelas regras da civilização sem garantias para sua proteção. Argumenta ainda, a razão do homem não ser feliz e o que leva a uma existência da violência. A resposta para estas indagações poderá se realizar de forma concreta, através da sua própria condição de fragilidade, sem recursos no confronto com as forças da natureza, na precariedade dos laços sociais com os outros e, ainda, nas incertezas do futuro da civilização.

Nesse debate, o que se coloca em questão são outros aspectos que reforçam o grau de sofrimento e materializa o desamparo, a saber, a renúncia pulsional diante da regulação da vida em sociedade, a finitude da vida, isto é, a morte e a solidão. Com isso, se faz necessário que o homem se organize em grupo e crie a civilização para que esta proteja a todos dos

perigos da natureza e evite o desamparo, pois o grupo daria proteção contra a força avassaladora da natureza.

No entanto, o texto *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]/1996), anuncia a grande contradição do processo civilizatório, o qual em vez de proteger o homem organizado em sociedade, contra os perigos da natureza, este se tornou um empecilho para a felicidade humana. E assim “o homem civilizado trocou uma parcela de sua possibilidade de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1930 [1929]/1998, p. 119).

É importante destacar a contribuição de outros autores sobre o tema. Assim, a visão teórica de Klein considera que a neurose obsessiva constitui uma luta defensiva do sujeito para se defender da ansiedade primordial e da experiência devastadora do desamparo, quando este se vê diante do objeto como total, além de ser esta neurose uma saída da criança para não cair na psicose.

Deve ser considerado também dentre as principais contribuições de Lacan sobre o tema estudado, a questão de que existe algo que ultrapassa a dimensão biológica da separação entre mãe e bebê, afirmando se constituir aí uma falta, a qual se apresenta na matriz da separação prematura, ficando no psiquismo do bebê, um mal-estar que poderá trazer conseqüências para a construção da subjetivação no ser humano.

Isto significa que ao se deparar com o desejo do outro, o sinal de angústia se presentifica, indicando ao sujeito a experiência de desamparo, da qual ele não poderá escapar, conseguindo apenas remediar.

Portanto, na neurose obsessiva observa-se essa condição de precariedade e desamparo do sujeito ao lidar com seus impasses na relação com o outro, momento em que ele é convocado a se posicionar como ser estruturado como tal. Cabe ressaltar que, sendo esta uma condição vivida pelo sujeito ao longo de sua vida, ela se manifesta no seu discurso, além de ser uma das escolhas possíveis diante do desamparo primordial, que é próprio da condição humana. Sendo assim, a experiência de desamparo inicial vem revelar a forma como o sujeito, em sua singularidade, vai lidar com seus conflitos, ou dito de outra forma, como o sujeito se relaciona com a castração, envolvendo-o a tal ponto que ele se descobre enredado nas suas relações com os outros.

Diante deste contexto, neste trabalho considera-se que a neurose obsessiva, enquanto estrutura traz em sua constituição a marca de um destino trágico que implica o sujeito numa escolha, isto é, “escolha da neurose” como ensina Freud. Se o nascimento é o momento inaugural dessa escolha, pois corresponde ao fato de que o sujeito se depara com o mundo real, é possível observar também que ao mesmo tempo em que se materializa o estado de

desamparo, sem amparo do outro e sem garantias, o sujeito se encontra sozinho diante de uma ação concreta, isto é, real. Do estudo realizado sobre o tema, a autora do presente trabalho afirma ser possível afirmar que o desamparo revela a fragilidade do sujeito ao ter que decidir por algo da ordem da separação, isto é, algo que gera um conflito trágico, em um drama que envolve várias tramas do sujeito, determinando o aparecimento da angústia que gera desamparo ameaçando o próprio eu, frente ao perigo externo, tão característico da estruturação da neurose obsessiva.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DELORENZO, R. **Neurose obsessiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- DIREITO DE AMAR. Direção: Tom Ford. Título original: A Single Man. EUA: 2009. Filme (1h41min).
- FERES, C. M. **A sombra do objeto**: considerações sobre a constituição do eu na psicanálise freudiana. Dissertação. (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, 2009.
- FREUD, S. As neuropsicoses de defesa. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago (1894/1996).
- FREUD, S. Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In: **Edição Standard das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago (1895-1894/1996).
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. Em: **Edição Standard das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago (1950 - 1895/1996).
- FREUD, S. Interpretação dos Sonhos. In: **Edição Standard das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago (1900/1996).
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago (1905/1997).
- FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago (1907/1996).
- FREUD, S. Caráter e erotismo anal. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago (1908/1996).
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: **Edição Standard das obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago (1911/1996).
- FREUD, S. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago (1913/1999).
- FREUD, S. A disposição à neurose obsessiva – Uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In: **Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud**. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago (1913/1996).
- FREUD, S. O estranho. In: **Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Freud**. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago 1919/1996.
- FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In: **Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago 1926-1925/1996.

- FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: **Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago 1927/1996.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Vol. XXI Rio de Janeiro: Imago (1930[1929]1996).
- GARCIA-ROSA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro:, Jorge Zahar Editor. Vol. I, 2004.
- HANS, L. **Dicionário comentado do alemão de Inveja e gratidão Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. Em: **Obras Completas de Melanie Klein**. Vol. III. Rio de Janeiro: 1946/ 1991 Imago.
- KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional de bebê. Em: **Obras Completas de Melanie Klein**. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago. Ed., 1852/1991.
- KLEIN, M. Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. Em: **Obras Completas de Melanie Klein**. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago. Ed., 1958/1991.
- LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1951/ 2003.
- LACAN, J. Aula de 12 de Novembro de 1958. Em O desejo e sua interpretação. **Publicação não comercial**. Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 1958-1959/2002
- LACAN, J. **O Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1960-1961/2010.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1962-1963/2005.
- PEREIRA, M. E. C; **Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico**. São Paulo: Editora Escuta 1999.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1998.
- SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago 1975.